



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA
MONOGRAFIA

A Transição de Estado Civil de solteira para casada e a Reafirmação da Identidade Feminina: “Um Estudo sobre o Papel da Maternidade entre Mulheres Casadas no Bairro Maxaquene C, Maputo”

Candidata: Bernissa Bushasha

Supervisora: PhD Sandra Cristina Félix Manuel

Maputo, outubro de 2025



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM ANTROPOLOGIA
MONOGRAFIA

A Transição de Estado Civil de solteira para casada e a Reafirmação da Identidade Feminina: Um Estudo sobre o Papel da Maternidade entre Mulheres Casadas no Bairro Maxaquene C, Maputo”

Bernissa Bushasha

Monografia submetida ao Departamento de Arqueologia e Antropologia, da Faculdade de Letras e Ciências Sociais, na Universidade Eduardo Mondlane em cumprimento dos requisitos finais para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia

O Júri

A Supervisora

O Presidente

Oponente

Maputo, outubro de 2025

DECLARAÇÃO DE HONRA

Eu, Bernissa Bushasha declaro por minha honra que esta Monografia nunca foi apresentada para obtenção de qualquer grau acadêmico, constituindo essencialmente o resultado da minha investigação pessoal, feita com base nas referências bibliográficas e nos métodos descritos no texto.

Bernissa Bushasha

DEDICATÓRIA

Com profundo amor e gratidão, dedico este trabalho à memória da minha querida mãe, Manirambona Consolante. Sua força, sabedoria e carinho foram a base de tudo o que sou hoje. Sua inspiração e apoio incondicional me guiariam em cada passo desta jornada acadêmica. Que a sua luz continue a iluminar meu caminho e a sua memória permaneça viva em cada conquista.

Bernissa Bushasha

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus pelo o dom da vida.

À minha supervisora Prof^a Doutora Sandra Manuel por me orientar durante a elaboração da Monografia. Agradeço por todos os conselhos e pela paciência que teve comigo. Agradeço pelo o tempo que a Dr. Dedicou a mim porque fez com que eu terminasse a minha monografia.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha mãe, Manirambona Consolate, cuja memória e legado são uma fonte constante de inspiração e força em minha vida. Sua presença amorosa e orientação foram fundamentais em cada etapa desta jornada.

Com gratidão,

Bernissa Bushasha

Abreviaturas

Apud: Citado por

DAA: Departamento de Arqueologia e Antropologia

INE: Instituto Nacional de Estatística

UEM: Universidade Eduardo Mondlane

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela1 _____ Perfil dos Participantes

Resumo

Este trabalho tem como tema “a transição de estado civil de solteira para casada e a reafirmação da identidade da mulher: um estudo sobre o papel da maternidade entre mulheres casadas, no bairro do Maxaquene C, Maputo cidade.

O estudo utiliza a teoria de interacionismo simbólico Blumer (1980), para explicar como as normas socio culturais moldam aceitação de estatuto das mulheres casadas em relação a capacidade de procriar e a abordagem de construção social do gênero de Heilbron e Brandão (1999), que foca nos aspectos culturais para entender os contactos corporais que podem ter significados distintos entre culturas. Os objetivos da pesquisa foram compreender o impacto da transição de estado civil na identidade feminina, explicar como normas socioculturais afetam as aspirações individuais das mulheres, e compreender como a capacidade reprodutiva afeta a aceitação social.

Foram escolhidos vinte cinco (25) participantes é composta por 8 mulheres casadas, 8 Homens casados, 2 líderes comunitários (chefes de quarteirão), 1 enfermeiras, 2 mulheres solteiras, 2 mulheres divorciadas, 2 homens divorciados, residentes no Bairro Maxaquene C, Maputo. O método escolhido para esta pesquisa foi o etnográfico qualitativo e teve a combinação de várias técnicas de recolha de dados como conversas informais e formais, observação e observação direta, entrevistas semiestruturadas e revisão literatura.

A compressão dos dados permitiu constatar que, particularmente no bairro de Maxaquene C, os filhos que nascem no lar construído são muito importantes no matrimónio, porque reflete o sucesso do casamento e por outra porquê é compreendido como fruto do amor do conjugue que vem para completar o casamento. Desta forma conclui-se que a aceitação social perante a capacidade reprodutiva e identidade da mulher muda consoante a experiência da maternidade da mulher. E o valor que se dá a esta experiência de maternidade é acompanhada por mudanças de estatuto das mulheres de cada época da sua vida.

Palavra-chave: gênero, identidade feminina, maternidade, interacionismo simbólico

CONTENTS

DECLARAÇÃO DE HONRA.....	1
DEDICATÓRIA.....	2
Abreviaturas.....	4
ÍNDICE DE TABELAS	5
Resumo	6
CAPÍTULO I.....	9
1. Introdução.....	9
1.1 OBJETIVOS.....	10
1.1.1 Geral.....	10
1.1.2 Específicos.....	10
2. Justificativa.....	11
CAPÍTULO II.....	11
3. Problemática.....	11
4.Revisão da Literatura	13
4.1. Contexto histórico sobre Casamento	13
4.2 Casamento em Moçambique	14
4.3 Contexto histórico sobre sexualidade e gênero	15
4.4. Sexualidade e Gênero em Moçambique	16
5. Enquadramento teórico e conceptual.....	18
5.1. Enquadramento teórico.....	18
6. Enquadramento conceptual	19
6.1. Maternidade.....	20
6.2.Casamento.....	20
6.3.Família.....	20
6.4. Identidade	21
6.5. Gênero	22
6.6. Sexualidade	22
6.7. Papel social.....	22
CAPÍTULO III.....	24
7. Procedimentos Metodológicos.....	24
7.1 Seleção dos participantes de estudo.....	25
7.2 Técnicas de recolha e registo dados.....	25
7.3 Tratamento e análise de dados.....	27
7.4.Constrangimentos no processo da realização da pesquisa	27

7.5 Descrição Geral da Amostra	27
8. Area de Estudo	29
CAPÍTULO IV	31
9. Discussão de Dados.....	31
9.1 Transição de Estado Civil de solteira para casada.....	31
9.2. A Representação social da identidade feminina através da transição de estado civil para casada.	32
9.3 A maternidade como forma de legitimação da união matrimonial.	34
9.4. Fatores que contribuem para tensões conjugais e familiares, relacionadas à não conformidade com as expectativas de maternidade no casamento.....	36
9.5. A reafirmação da identidade feminina das mulheres através da capacidade de procriar	38
CAPÍTULO V	40
9. Considerações finais.....	40
10. Referência bibliográfica.....	44

CAPÍTULO I

1. Introdução

A transição de estado civil, para casada é um momento muito importante na vida dos conjugues em muitas sociedades é revestido de significados culturais e sociais.

Aliando a perspetiva destes autores (Legoff1992; Davis1990), o casamento é uma instituição social que foi construído como um meio pelo qual a igreja e a sociedade procuravam normalizar as relações entre os sexos estabelecendo normas de conduta social e garantir a continuidade da sociedade através da descendência.

No contexto do bairro Maxaquene C, na cidade de Maputo, essa transição de estado civil, não se limita a uma simples alteração no *estatuto* conjugal, mas envolve uma série de expectativas e papéis que refletem normas sociais sobre o que significa ser mulher e homem numa sociedade onde o casamento e a reprodução desempenham papéis centrais.

Segundo Cristina cit. Worsley (1983), estatuto social designa o lugar, ou posição que determinado indivíduo ou grupo ocupa na coletividade, bem como o conjunto de comportamentos que esse indivíduo ou grupo pode objetivamente esperar dos demais em virtude do papel social que desempenha. A posição social abarca o conjunto de privilégios e atributos ligados com a posição que determinado indivíduo ou grupo ocupa na estrutura social (idem). Nesta pesquisa entende-se estatuto social como o lugar que um indivíduo ocupa no grupo de pertença.

O casamento como sendo um rito de passagem de uma fase para outra é acompanhada por mudança de fatores biológicos e socioculturais. Ela tem como base a ruptura do indivíduo com a sua situação anterior, o que passa pela interiorização das normas e regras da sua nova situação. Ela carrega consigo expectativas como a reprodução. Para Durkheim (1937) os ritos de passagem constituem o principal meio de diferenciação entre os papéis sociais essenciais para a manutenção da ordem social. Nesta lógica durkheimiana, é possível discernir que numa sociedade pode-se distinguir pelos papéis exercidos, os que passaram pelo ritual e os que ainda não passaram.

Ao longo da minha pesquisa exploratória no bairro de Maxaquene C compreendi

a partir dos discursos e relatos recolhidos sobre este estudo que, o casamento vai para além de constituir união entre duas pessoas, o casamento carrega consigo implicações socioculturais, tanto no seu papel familiar como na sua posição dentro da sociedade. E a capacidade e o ato de procriar é vista como central nesta transição e considerada como um dos pilares que legitima a mulher no papel de esposa- mãe. Segundo Trindade e Emuno (2001) a maternidade é um caminho que as mães se servem para mostrar as suas feminilidades e virilidades dos homens. Assim sendo o papel de esposa- mãe e reprodutora e acompanhadas de fatores biológicos sociais e simbólico para construção da reafirmação da identidade feminina.

Após essa constatação, a proposta da presente Monografia é de responder a seguinte pergunta de partida: Como as mulheres do bairro Maxaquene C negociam as pressões sociais e culturais relacionadas à reprodução e ao casamento, e como essas experiências afetam sua identidade feminina e seu papel na comunidade?

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Geral

Compreender como a transição de estado civil de solteira para casada afeta a reafirmação da identidade feminina das mulheres através da reprodução no bairro Maxaquene C, Maputo.

1.1.2 Específicos

- Explicar como as normas socio culturais moldam as expectativas em torno a Maternidade o papel da mulher casada em Maxaquene C.
- Descrever o impacto da capacidade reprodutiva (ter ou não ter filhos) na aceitação social das mulheres casadas dentro da comunidade.
- Identificar as tensões entre as normas socioculturais de gênero e as aspirações das mulheres casadas, como a busca por educação e trabalho, em Maxaquene C.
- Explorar as experiências subjetivas das mulheres de Maxaquene C em relação à transição para o casamento e ao papel reprodutivo.
- Explorar os fatores que contribuem para tensões conjugais e familiares, relacionadas à não conformidade com as expectativas de reprodução após o casamento.

2. Justificativa

Numa primeira fase o meu interesse era de falar sobre depressão pós parto, mas quando comecei com o trabalho de campo através da observação participante e das conversas informais, a maioria dos participantes só falavam dos seus problemas de conceber no lar. Elas contavam sobre as suas experiências em relação a não conseguir conceber e as implicações que acompanhavam essa situação. Muitas diziam que eram excluídas, de alguns eventos famílias e sociais, como apadrinhar crianças, chás de bebê e até alguns eventos de aconselhamento de lar – por causa disso sentiam-se sozinhas e isoladas. Foi através dessas conversas que surgiu o meu interesse para compreender o impacto da transição de estado civil de solteira para casada na identidade feminina em relação a maternidade, e as suas expectativas socioculturais.

E o segundo motivo por fins acadêmicos, para realização de licenciatura em Antropologia. O tema enquadra-se na antropologia tendo o indivíduo como objecto de estudo e caracterizado como um ser social e cultural.

No contexto da produção do conhecimento antropológico. Antropologia é o estudo que estuda o indivíduo na sociedade, estudando o seu comportamento e aspectos socioculturais, pode ajudar a compreender como a transição de estado civil para casada afeta a reafirmação da identidade feminina das mulheres através da maternidade, permitindo fazer uma análise profunda sobre as práticas socioculturais, significados simbólicos das relações sociais envolvidas, possibilitando uma compressão mais ampla de gênero e das expectativas em torno da feminilidade no bairro de Maxaquene C .

CAPÍTULO II

3. Problemática

No bairro de Maxaquene C, o casamento e a maternidade são vistos como aspectos centrais da identidade feminina, esta transição pode trazer desafios e tensões significativas para as mulheres. As mulheres frequentemente se deparam com uma série de expectativas sociais que moldam não apenas o seu papel como esposas, mas também como mães, sendo a maternidade um fator crucial para a sua aceitação e legitimação no novo estatuto conjugal. No entanto, essa transição pode ser vivida de forma diversa, e, em alguns casos, as normas sociais entram em conflito com as realidades vividas das mulheres.

Um exemplo prático dessa problemática é a forte pressão social que muitas mulheres enfrentam para terem filhos logo após o casamento. No bairro Maxaquene C, a maternidade é frequentemente vista como um marcador de sucesso matrimonial e uma confirmação da feminilidade. Mulheres que demoram a engravidar ou que enfrentam problemas de reproduzir podem ser estigmatizadas pela família e pela comunidade. Em muitos casos, isso pode gerar tensões no casamento e até a discriminação das mulheres, como exemplificado por relatos de algumas mulheres que afirmam ser constantemente questionadas ou pressionadas por familiares e vizinhos sobre quando terão filhos. Esse tipo de pressão pode ser especialmente difícil para mulheres que, por motivos de saúde, econômicos ou pessoais, não conseguem ou não desejam engravidar logo após o casamento. Assim, observa-se que o estatuto da mulher moçambicana, é dependente do casamento e de sua capacidade de procriação. Deste modo, a gravidez representaria a confirmação da feminilidade dentro da sociedade, passando a infertilidade a ser significada para as mulheres inférteis como um verdadeiro —drama social (Guerra, 2020)

Outro exemplo de problemática ocorre quando as mulheres, ao entrarem no casamento, têm que negociar as expectativas socioculturais pré-determinadas a elas com os seus próprios desejos e aspirações. Muitas mulheres no bairro Maxaquene C estão inseridas em contextos de transformação social, onde o acesso à educação e ao emprego tem aumentado, o que por vezes entra em conflito com os papéis pré-determinados que elas devem desempenhar na sociedade.

Por exemplo, Amanda com 33 anos de idade, é empregada numa loja de venda de loiça na baixa da cidade de Maputo, contou que, após o casamento, seu marido e sogros passaram a exigir que ela abandonasse o emprego para "se concentrar na casa e nos futuros filhos". No entanto, Amanda vê seu trabalho como uma forma de garantir independência financeira e de realizar seus objetivos pessoais. Este conflito gerou tensões em seu casamento.

Esses exemplos práticos ilustram como a transição de solteira para casada, no bairro Maxaquene C, não se limita à mudança de status civil, mas envolve complexos aspectos e expectativas sociais e culturais.

Assim, a questão central é como é que as mulheres do Bairro de Maxaquene C negociam e lidam com as pressões socioculturais relacionadas a maternidade no casamento e como estas experiencias afetam a sua identidade feminina e o seu papel na comunidade.

4.Revisão da Literatura

No presente capítulo, apresento a revisão de literatura sobre a transição de estado civil de solteira para casado e a reafirmação da identidade feminina com foco ao papel de reprodução entre mulheres. Começo por apresentar as abordagens sobre maternidade, casamento e questões socioculturais de sexualidade e gênero. a posterior, faço o desenvolvimento de cada uma delas.

Historicamente, a maternidade foi construída como o ideal máximo da mulher para realização da feminilidade. A mulher era biologicamente pré-determinada a gestar e a cuidar dos filhos. Deste modo, era por meio da maternidade que ela realizava seu destino fisiológico e sua vocação "natural". Através da amamentação, da higiene, do cuidado e da presença materna constante, a mulher-mãe provava o seu amor e ganhava visibilidade como identidade característica do feminino. (Badinter, 1985; Borsa & Feil, 2008; Trindade & Enumo, 2002)

O conceito de ter filho era associado a identidade de gênero. Apesar dos novos papéis que vem ocupando na sociedade contemporânea, a imagem associada à mulher-mãe ainda é muito valorizada e a maternidade continua sendo idealizada e compreendida como um salto qualitativo para a vida da mulher, afirmam Barbosa & Rocha-Coutinho (2009).

4.1. Contexto histórico sobre Casamento

Com base em um estudo sobre sistemas em erificados de controlo social no ocidente, Legoff (1992), afirma que o cristianismo produziu uma nova orientação para sexualidade humana, introduzindo a ideia de que há uma relação entre carne e pecado e que essa ligação provocou uma ruptura com a antiguidade pagã, interessada na reprodução da família e pouco preocupada com a virgindade. Segundo Legoff (1992), a sexualidade era vista com um único fim a procriação e o casamento tornou-se um dos instrumentos de controlo da sexualidade. Apartir do casamento nasce o pecado da carne visto como um mal necessário, e para evita-o, Davis (1990) salienta ainda que, ter

filhos, era sem dúvida, uma das funções do casamento, uma vez que para a igreja a única possibilidade de tolerar o ato sexual era o casamento e mesmo acontecia como forma de consumação do enlace matrimonial.

Ao considerar o casamento como um meio pelo qual a Igreja e a sociedade procuraram normalizar as relações sociais entre os sexos. Fica por compreender outras formas de controlar a sexualidade e de reproduzir a espécie. Adicionalmente fica por compreender outros sentidos atribuídos ao casamento no quotidiano dos indivíduos. Davis (1990) sustenta que tratando-se de uma época em que a expectativa de vida era muito curta, casar-se novamente era uma solução para enfrentar as dificuldades da vida, o que tornava essa prática do segundo casamento rotineira e normal.

4.2 Casamento em Moçambique

No contexto moçambicano, relativamente ao casamento oliveira (1976) não encontra outro argumento para além de que “o objetivo no casamento consiste em ter filhos e em número elevado. Um homem sem filhos é, virtualmente, considerado como uma anormalidade social”, Entretanto, Oliveira (1976) enfatiza, o princípio de exogamia na afirmação de que, no interior na linhagem é proibido o casamento entre os seus membros, tal proibição é extensivo aos entre primos cruzados, dando entender que as regras de matrimónio nas sociedades predominante patrilineares.

Na mesma perspectiva Bagnol (2008) sustenta que, no sul de Moçambique, o momento do casamento civil é acompanhado pelo casamento tradicional (lobolo), que visa interceder junto dos antepassados para proteger e abençoar o casal.

A prática do lobolo é um dos principais elementos para compreender a forma como a mulher é vista na cultura do Sul de Moçambique. O lobolo é por vezes, “um pré-requisito” para a consumação do casamento, mas também, para a maioria das populações residentes nas áreas rurais do país, o mesmo é considerado forma única e legítima de casamento (Pondja, 2006:12). O ritual pode ser compreendido como um sinal de solidariedade de um grupo para outro que perdeu um membro tão importante (a mulher). Nessa deslocação, há um enfraquecimento e um enriquecimento entre os grupos, o grupo da mulher ficou qualitativamente e numericamente empobrecido, e o do homem ficou qualitativamente e numericamente enriquecido. (Idem)

O sistema de linhagem patrilinear no centro e sul de Moçambique, funciona da seguinte maneira. Quando os noivos se casam, o marido paga lobolo ou preço de noiva à família da mulher e por conseguinte vivem na terra da família do homem. Neste sistema, os casamentos tendem a ser menos estáveis e a fertilidade é muito mais que uma questão física e um aspecto socio cultural forte (Mariano 2009).

4.3 Contexto histórico sobre sexualidade e gênero

Beauvoir (1949) com a sua ideia de: “ninguém nasce mulher, torna-se mulher”. analisa como a sociedade patriarcal define a mulher fazendo uma ruptura com o determinismo biológico definido desde a antiguidade. Ela elaborou a concepção de que o corpo físico não determina por si só a condição social estabelecida entre os gêneros, e sim que esta condição deriva de um fenômeno cultural. Neste sentido para Beauvoir a mulher se tornou o ‘outro’ e na medida em que a diferença significou desigualdade ou até deficiência ao longo da história, isto serviu para que a mulher ficasse dependente do homem e fosse transformada em objeto (enquanto não é sujeito), ficando impossível a igualdade.

Na mesma linha de pensamento, (Bourdieu, 1999) na sua obra de a dominação masculina, parte do pressuposto que a dominação masculina está impregnada no inconsciente da sociedade devido às estruturas simbólicas e às instituições sociais. A cultura reproduz esta estrutura inconsciente e se torna um organismo de reprodução pelo qual as estruturas mentais das pessoas se materializam na atividade da sociedade.

E, assim, é delimitada ao “[...] lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no próprio lar, entre a parte masculina, com o salão e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais”. (BOURDIEU, 2023, p. 24)

Judith Butler (1990) introduz a noção de performatividade de gênero, a questão da autora é entender quais são os mecanismos que tornam essa construção de gênero possível. o conceito de performatividade, traz a rigor, de que o gênero é feito enquanto ele próprio se faz. Os corpos adquirem aparências de gênero, transformando-se em corpos-homem e corpos -mulher, por meio das performances de gênero, isto e, reiteraões contínuas de atos que interpretam as normas estabelecidas para os gêneros.

4.4. Sexualidade e Gênero em Moçambique

Ao abordar o gênero e a sexualidade no contexto Moçambicano, Loforte chama atenção para a necessidade de desconstrução das noções coloniais e pós-coloniais sobre o “outro”, no sentido de que a visão da sexualidade moçambicana é percebida como promíscua, baseada no modelo dicotômico do “prazer sexual masculino e da sexualidade reprodutiva para a mulher” (Loforte, 2003:202).

Segundo Loforte (2007) a sexualidade é configurada pelos papéis reprodutivos, sociais e económicos e religiosos, que homens e mulheres desempenham na sociedade. A identidade é construída em cada gesto, colocando-a como ponto de ancoragem de certos discursos e práticas. Por isso, não se podem separar as estruturas da identidade das práticas sociais e simbólicas, isto é, do conhecimento e do poder. Naturalmente os membros masculinos das comunidades controlam estes elementos chaves, os meios de reprodução, pois estes são centrais para o desenvolvimento e continuidade social (Loforte 2000:66)

Como revela Loforte (2003), em *Gênero e Poder Entre os Tsonga de Moçambique*, para a mulher, a função mais evidente é a da reprodutora física do grupo, o que determina o estrito controlo exercido pelo coletivo em relação à sua sexualidade, a fim de assegurar a sua perpetuação e o aumento dos efetivos. A mulher está inserida numa sociedade dominada pela ideologia patriarcal que legítimas direitos e papéis desiguais na procriação. Nas práticas e atitudes respeitantes à sexualidade, são estabelecidas regras e proibições no tempo e no espaço em que a atividade sexual deve ser praticada. Uma relação importante para determinação da posição da mulher na matriz tradicional é a sua distinção enquanto esposa a residir na unidade doméstica do seu marido e enquanto irmã, membro da linhagem (Loforte, 2003:192).

[...] O ciclo de vida das mulheres alterna entre duas relações produtivas. No primeiro ano de casamento, a atividade dominante da mulher é o trabalho doméstico sob orientação da sogra, o cuidado dos filhos e o trabalho agrícola nas terras pertencentes à família do marido. Com a chegada de outras noras, ela ganha uma certa independência em relação à sogra e um ascendente em relação às mais novas, pois é a

estas últimas que estão destinados os afazeres domésticos ligados ao transporte de água e à cozinha (...). Ao casar, ela entra no grupo doméstico do seu esposo como estrangeira, legitima a sua posição com o nascimento do primeiro filho sobretudo se for do sexo masculino (Loforte, 2003:193-194).

Na maioria dos grupos étnicos do sul de Moçambique a criança é um ser que representa da mesma forma que os antepassados um papel importante dentro do núcleo familiar. Ela é a expressão da vontade de continuidade da vida por parte dos antepassados. É o elo de ligação entre os vivos e os mortos e a garantia de continuidade do grupo, porque sucede a chefia das unidades domésticas e encarrega-se do culto em memória dos antepassados: “os filhos dão estatuto: quanto mais filhos, mais aliados, mais vida social” por serem a garantia da produção das unidades de produção (Idem).

O nascimento de uma criança é o acontecimento mais importante para uma aldeia e/ou unidade familiar, e o seu crescimento e desenvolvimento são acompanhados por uma série de cerimónias que marcam a passagem de um ser do ‘outro mundo’ para o ‘mundo dos vivos’ (de acordo com as crenças desses grupos). (Idem)

A criança também representa um veículo indispensável para a manutenção e continuidade do clã. O desenvolvimento da criança é pontuado por ritos de iniciação que constituem a base de uma aprendizagem sistemática dos usos e costumes e da sabedoria do grupo. Henri Junod (1917) descreveu, no seu denso trabalho etnográfico, *A Vida de uma Tribo Sul-Africana*, sobre a evolução do indivíduo, partindo do dia do seu nascimento até à sua morte, demonstrando de forma pormenorizada como o nascimento de uma criança está intrinsecamente ligado à conduta moral e social dos seus pais, mais precisamente, ao comportamento sexual de sua mãe. Assim, o autor categorizou os tipos de nascimento de acordo com o seu grau de dificuldade, quais sejam: nascimentos prematuros, nascimentos protraídos e nascimentos ilegítimos. No primeiro caso, a criança nasce sem que haja nenhuma transgressão sexual.

No que diz respeito à construção da sexualidade, Bagnol e Mariano (2008-2011) concluem que ela não é monolítica e imposta ao indivíduo, mas está sujeita à negociações e mudanças durante o ciclo da vida. As metáforas e as noções muitas vezes usadas informam que as práticas sexuais são simbolismo de género ligados à higiene, à saúde, ao bem-estar, ao erotismo, à reprodução e à conceção estética de

“fechado/aberto, seco/húmido, quente/frio, pesado/leve, riqueza/pobreza, doce/não-doce”. Na questão dos cuidados com higienização, as autoras constataram que, por diferentes razões, as mulheres utilizam diferentes produtos naturais e sintéticos, tradicionais e modernos, por inserção na vagina ou ingestão. As razões incidem no tratamento de doenças, na modificação da maneira de sentir o seu corpo e no preparo para o ato sexual (Idem).

5. Enquadramento teórico e conceptual

5.1. Enquadramento teórico

O presente trabalho é orientado pela teoria do interacionismo simbólico de Blumer (1980), que explica que as interações entre os indivíduos são guiadas por significados que cada um atribui às coisas, quer de forma coletiva ou individual. O enfoque do Interacionismo Simbólico são os processos de interação, isto é, no interacionismo, a ação social é uma ação imediatamente recíproca. Para tanto, a ação, não obedece a regras fixas, as regras vão sendo estabelecidas à medida que a interação vai ocorrendo, é uma ação negociada. Portanto, as relações sociais fruto do processo de interação não são definitivas, estão subordinadas ao reconhecimento e aceitação por parte dos membros do processo de interação.

Com as pesquisas desenvolvidas pela Escola Interacionista, o processo de interação, como também a aposta na capacidade de os indivíduos fazerem de si mesmos objeto de análise, passaram a ser o centro das discussões. Consequentemente, a discussão sobre a capacidade dos indivíduos de refletir sobre as suas ações também veio à tona.

Segundo Haguette (1987), na perspectiva do Interacionismo Simbólico, os significados são produtos sociais, criações elaboradas através das atividades humanas em seu processo interativo. Nesse sentido, a sociedade é fruto do processo de produção e interpretação destes significados. A autora também aponta que a obra de Mead foi a que mais contribuiu para a definição e elaboração dos conceitos da perspectiva interacionista. Para Haguette, “ao afirmar que o ser humano possui um self, Mead quer enfatizar que, da mesma forma que o indivíduo age socialmente com relação a outras pessoas, ele interage socialmente consigo mesmo”. O self, portanto, é o engajamento,

por parte do indivíduo, em um comportamento auto-reflexivo no processo de interação social

Para Blumer, ainda segundo Haguette, a perspectiva interacionista pode ser definida a partir de três premissas básicas. Primeiro, que o ser humano age com relação às coisas na base dos sentidos que elas têm para ele. Segundo o sentido destas coisas surge da interação social que se estabelece com as outras pessoas. E, por último, que os sentidos são apreendidos e modificados através da interpretação da pessoa ao entrar em contato com as coisas.

A teoria Blumer (1980), é usada nesta pesquisa para explicar a ideia de que os factos sócias são tidos como resultantes de processos de interações entre os indivíduos e que são guiadas por significados que cada um atribui esta transição de estado civil para casada.

Este estudo que tem o enfoque nas pessoas e no modo como elas pensam e agem em relação a transição do estado civil para casada com o enfoque a maternidade, será possível compreender como os indivíduos atribuem sentidos e significados a estes eventos, podemos também compreender as experiências vividas por estes conjugues em relação as expectativas socioculturais.

De tal modo, que também a teoria de construção social de género constituirá uma das abordagens que usaremos para compreender a noção de homem e mulher e como cada sociedade tende a construir esses termos apoiados nas suas características culturais. De acordo com Heilbron e Brandão (1999), a abordagem de construção social do género foca nos aspectos culturais para entender os contactos corporais que podem ter significados distintos entre culturas. Deste modo, consideraremos os aspectos culturais para entender a relação entre o masculino e feminino e o modo como a cultura modela seus comportamentos. Assim ambas abordagens de construção social e o interacionismo simbólico constituem abordagens-chave para a compreensão do estudo.

6. Enquadramento conceptual

A discussão dos conceitos foi feita com base em diferentes autores, o que permitiu trazer um debate mais amplo sobre os próprios conceitos, bem como definições que se adequam às pretensões do trabalho.

6.1. Maternidade

A maternidade é um momento na vida de uma mulher, marcado pela gestação e pelo nascimento de um filho. A maternidade, como conceito, é carregada de representações sociais que variam entre diferentes contextos culturais. Dessa forma, as noções de corpo, menstruação, gravidez e parto operam como conceitos que agem simbólica e materialmente sobre os corpos vivos, não sendo, por consequência, separáveis dos campos sociais e culturais e das forças históricas que intervêm ativamente na sua definição (Bagnol e Mariano, 2011:44).

6.2.Casamento

De acordo com Fox (1986:23) o casamento é “uma união mais ou menos durável entre homem e mulher que vai além do ato de reprodução e até do nascimento dos filhos”.

Para (Legoff1992; Davis1990), o casamento é uma instituição social que foi construído como um meio pelo qual a igreja e a sociedade procuravam normalizar as relações entre os sexos estabelecendo normas de conduta social e garantir a continuidade da sociedade através da descendência.

Na presente pesquisa o casamento é definido a partir do conceito de (Legoff1992; Davis1990),) que permite defini-lo como sendo união de duas pessoas com objectivo de construir família que é o que orienta os indivíduos residentes no bairro do Maxaquene C.

6.3.Família

Segundo Bourdieu (1998) define família como sendo uma relação em que os indivíduos estabelecem entre si através de laços de consanguinidades, aliança e adopção vivendo debaixo do mesmo teto. Na mesma perspectiva, Andrade (1998), família é entendida como corpo institucionalizado onde, através de relações de cooperação estabelecidas, faz-se a socialização de membros. Por um lado, como agente de socialização, a família produz e reproduz valores, regras e sanções, visando desenvolver conformidades geradoras de coesões, independentemente do meio de pertença. Por outro lado, como corpo social, a família estrutura e revela os modos como as pessoas se organizam e pensam na sociedade, ao mesmo tempo em que elabora estratégias de adaptação e mudança social.

6.4. Identidade

Cuche (2002: 177-182) olha a identidade como uma construção social do âmbito das representações que os indivíduos fazem no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes dentro de um determinado grupo social. Seguindo a mesma linha de percepção Castells (2001), define a identidade como o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda, um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significados. E, em tais processos de construção de significados, são estabelecidas normas pelas instituições e organizações da sociedade que definem papéis que influenciam e estruturam o comportamento dos indivíduos

Na mesma perspectiva Segundo Dubar (2005), traz o conceito de “identidade social” e diz que resulta da interação do indivíduo com o meio em que se encontra e ela não é estática é sim, dinâmica, que evolui e varia a medida que a sociedade muda e a medida que os contextos e indivíduos com os quais interagimos também mudam. Assim, Dubar distingue dois processos complementares na construção da identidade social dos indivíduos: o primeiro processo é a atribuição, o momento em que a coletividade diz aquilo que o indivíduo é usando categorias socialmente disponível e mais ou menos legítima a níveis diferentes, onde podemos destacar denominações étnicas, regionais, profissionais, religiosas e neste processo o indivíduo não tem muito “espaço” para poder se auto-afirmar.

O segundo processo é a interiorização, quando o indivíduo passa a assumir e defender uma identidade que acha ser sua, porém, foi socialmente construída a partir da interação deste com o meio social em que se encontra. Analisando estes dois processos, entendemos que o marco definidor da identidade social é a interação social, ou seja, é no processo de interação social com os outros que o indivíduo define o que é e em função também daquilo que os outros dizem que ele é

Pretendo analisar a reafirmação da identidade feminina através da reprodução, o conceito de identidade é definido como produto de construção social de um determinado grupo tempo e espaço através da interação social. Esse conceito vai ajudar a orientar a pesquisa a melhor percepção sobre o que realmente é considerado por identidade para as mulheres do bairro do Maxaquene C.

6.5. Gênero

Na visão de Scott (1995), o conceito gênero é, erradamente, utilizado para sugerir que este termo é sinônimo do termo “mulher”. Na visão deste autor a associação destes termos é resultante da abordagem feminista dos anos 80 que reivindicava as desigualdades e o poder que existia entre homens e mulheres. Por esta via de ideias, no contexto de processo de busca, armazenamento e gestão de água assuntos ligados ao gênero, tende-se a fazer menção as relações estabelecidas entre homens e mulheres.

Gênero é o termo utilizado para designar a construção social do sexo biológico. Este conceito faz uma distinção entre a dimensão biológica associada à natureza (sexo) da dimensão social associada à cultura (gênero). Por vezes o conceito gênero tem sido associado a aspectos biológicos (órgãos genitais), numa lógica binária (homem e mulher), que atribui características universais a homens e mulheres, ignorando a preponderância da cultura na vida humana (Bento, 2006).

6.6. Sexualidade

A sexualidade é definida por Weeks (1999) como sendo, “uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com o corpo e com as práticas a ele inerentes”. Numa perspectiva complementar, Silva et. al, (2007) fala da sexualidade como um conceito dinâmico e multidimensional que abarca regras e normas implícitas e explícitas que a sociedade cria e que estão relacionadas com as relações sociais de gênero, a idade, o status social, os grupos de pertença e que moldam o comportamento sexual dos indivíduos.

6.7. Papel social

Para Goffman (1985), o conceito de papel social é entendido como a promulgação de direitos e deveres ligados a uma determinada situação social, mas este papel pode ser representado e reivindicado pelo ator numa série de outras situações, o que caracterizaria um agir estratégico. Em suma, para o autor, uma pessoa pode fazer uso de um papel social específico, dependendo do cenário em que se encontra. A identidade, portanto, é contextual, dependendo da situação e dos atores envolvidos. Visto isso, podemos afirmar que, para o autor, toda interação é representação. Desta forma, os conceitos de interação e representação, no pensamento de Goffman, se fundem.

Isso porque, segundo Goffman (1988), as sociedades estabelecem naturalmente meios pelos quais as pessoas são categorizadas. Com base nas informações sociais, criamos uma série de expectativas normativas relacionadas ao indivíduo e que estão ligadas ao papel que o mesmo desempenha ou vai desempenhar, criando, assim, categorias de padrões e comportamentos atribuídos e assumidos. Tais categorias oferecem aos demais a identidade social das pessoas. Sendo assim, quando nos encontramos nos espaços públicos, por exemplo, procuramos nos orientar diante dos demais e, mesmo que não tenhamos a menor consciência disto, lançamos sobre os outros as expectativas normativas que correspondem às categorias sociais das quais partimos.

CAPÍTULO III

7. Procedimentos Metodológicos

Esta pesquisa é exploratória e tem um carácter qualitativo. A pesquisa qualitativa é uma pesquisa descritiva, em que o investigador se interessa mais pelos processos do que pelos resultados, examina os dados de maneira indutiva e privilegia os significados. Para Minayo (2010), a pesquisa qualitativa permite “mergulhar no universo” simbólico do objecto de estudo e captar os sentidos e valores a ele associado, a partir do contacto direto que o pesquisador mantém com os seus informantes.

Este método possibilitou um contacto direto com os atores sociais no seu contexto de atuação. Geertz (1989) afirma que o método qualitativo possibilita estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos e manter um diário.

A pesquisa foi por mim realizada em três etapas complementares. Na primeira etapa fiz a revisão de literaturas sobre transição de estado civil para casada e os fatores socioculturais que carrega consigo essa transição com ênfase a maternidade e reafirmação da identidade feminina. Consultei artigos científicos e dissertações na internet (google scholar), monografias e na biblioteca do departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA) na universidade Eduardo Mondlane (UEM).

A segunda etapa procedi a pesquisa etnográfica exploratória. Quanto ao trabalho etnográfico exploratório realizei uma etnografia entre residentes do bairro de Maxaquene C. A pesquisa foi por mim realizada em 3 momentos. o primeiro teve início em agosto de 2017, essa fase ocorreu em salões de cabeleireiros unissexo no bairro de Maxaquene c, Q20 e Q21 que funcionam como espaços significativos de socialização e diálogo. Para o processo de seleção do local de pesquisa foi com base em ser um corredor diário a minha ida a faculdade e volta para casa.

Observações foram feitas semanalmente, permitindo que o pesquisador se inserisse no cotidiano das participantes, entendendo melhor suas experiências e desafios. Durante as visitas a salões de cabeleireiro, as observações se estenderam por uma hora e meia, permitindo captar conversas informais que revelavam a percepção das mulheres sobre a maternidade, identidade e as pressões sociais que enfrentam. Esse ambiente também possibilitou discussões sobre infertilidade e a busca pela realização pessoal, que são centrais na análise da identidade feminina.

O segundo momento visitei o centro de saúde 1º de Maio, onde 1 das informantes trabalha porque, pretendia conversar sobre a saúde reprodutiva das mulheres de Maxaquene C focando-se na questão da infertilidade. Todavia, a pesquisadora apresentou a credencial para apurar-se a veracidade e para poder ter a legitimidade de trabalhar no campo de pesquisa e também fizemos um espécies de grupos focais.

E o último momento é tratamento de dados. Quanto ao tratamento e análise de dados, transcrevi as notas do campo e organizei os em padrões com base nos quais, identifiquei tendências que permitiram construir a ideias que apresento como considerações finais deste trabalho.

7.1 Seleção dos participantes de estudo

Para a seleção dos participantes, de referir que foi de forma aleatória. iniciei com conversas informais nos salões de cabelereiros, onde através da conquista de confiança das pessoas que frequentam estes salões selecionei três participantes e continuei com as conversas informais em seus domicílios. Durante este processo os informantes tiveram liberdade de participar livremente nas conversas informais. As entrevistas aconteciam sempre sem seguir uma sequência de questões organizadas pela pesquisadora no seu guião de perguntas o que permitiu que os informantes tivessem um ambiente favorável. No decurso da pesquisa domiciliar, foi apresentada aos parceiros das participantes e algumas vizinhas que por fim selecionei para ser participantes do estudo. Através das visitas ao domicilio foi também apresentada 2 chefes de quarteirão.

Ao longo do meu trabalho de campo iniciei, também, conversas informais sobre casamento, maternidade, um filho nascido num lar construído e um filho nascido fora de um lar construído em outros solões do mesmo bairro. A partir destas conversas, selecionei outros participantes e continuamos com as conversas informais, também, em seus domicílios.

7.2 Técnicas de recolha e registo dedados

Para os efeitos da pesquisa, 3 tipos de técnica de recolha de dados foi usada, observação direta, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais,

Quanto a observação numa primeira fase foi usada para a formulação de plano de pesquisa. observei as pessoas nos salões, as que conversas que gostavam de ter, como era o ambiente do salão perante estas conversas, expressão facial e verbal etc... Numa

segunda fase, observei a convivência dos participantes com os seus cônjuges, membros familiares que vivem nas residências, as condições das residências. Esta observação direta deu seguimento e formulação de entrevistas informais individuais e coletivas que me permitiram ouvir as histórias de vida dos meus participantes e suas experiências, que também serviam para formulação da apresentação da revisão bibliográfica realizada para a pesquisa,

A técnica de observação direta consistiu em ver, ouvir, questionar e registrar no diário do campo sobre o cotidiano e experiências dos participantes. Este exercício permitiu-me perceber melhor a experiência dos participantes e a convivência dos conjugues no seu cotidiano. Marconi e Lakatos (2003) defendem que a observação é uma técnica de coleta de dados para obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar factos ou fenômenos que se desejam estudar, permitindo a coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comportamentais.

A observação para além de uma técnica de reconhecimento também auxiliou na identificação de algumas contradições entre os dados fornecidos pelos informantes nas entrevistas, nos grupos focais e as conversas domiciliares com os conjugues.

Quanto as entrevistas semiestruturadas. Gil (2008) afirma que a entrevista semiestruturada oferece flexibilidade, visto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias; permite captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas. Neste âmbito, as entrevistas foram realizadas nas residências dos participantes e em encontros de grupo focais e tinha a duração de entre cinze a vinte minutos no máximo dependendo do ritmo da entrevista. Estas entrevistas realizadas às vezes as participantes tinham receio em responder algumas questões na presença dos parceiros, interrompiam a conversa alegando não poder dar continuidade. Por esta razão que por alguns dias optou-se por separar os casais, cada cônjuge era entrevistado, individualmente, para que não houvesse qualquer tipo de inibição na hora de responder a certas questões. E também havíamos organizados grupos focais.

Para registar os dados, usei gravador do celular e bloco de notas de campo para anotar e registar informações. O uso destas técnicas combinadas permitiu uma maior interação com os participantes e posteriormente, permitiu dar seguimento no assunto e estudo,

formulando melhor questões, descrevendo melhor o local e os participantes e se inteirando melhor no assunto e estudo.

7.3 Tratamento e análise de dados

No fim do trabalho de campo diário, chegava a casas escutava as gravações juntos com as anotações e transcrevia e organizava no computador com data e hora, e nome dos participantes e localização. Esse processo permitiu melhor organização dos dados e ajudou-me para poder dar seguimento ao trabalhado de campo e durante o momento de análise.

7.4. Constrangimentos no processo da realização da pesquisa

Nesta pesquisa deparei-me com um constrangimento no processo de recolha de dados. o primeiro que ocorreu no início da pesquisa onde tinha como assunto trauma pós parto e me foi dificultadas as informações sobre este assunto porque as mulheres só falavam das experiencias que tiveram para poder conceber e isto me ilícito sobre a significados sociais o que os indivíduos consideravam como importante para eles, te daí que comecei a recolher dados com base a relatos sobre experiências desse gênero, o segundo foi nos encontros com os líderes comunitários também tive restrições por parte dos chefes de quarteirão, exigiram-me credencial para poder efetuar a pesquisa e por último tive uma resistência no princípio por parte dos informantes por partilhar informações pessoais e sensíveis.

7.5 Descrição Geral da Amostra

O grupo alvo é composto por indivíduos com idades compreendidas entre 20 a 50 anos de idade e que vivem de forma permanente na Cidade de Maputo, no bairro de Maxaquene C, a escolha foi aleatória porque foi com base a observação dos discursos das suas histórias e experiências de vida que selecionei para fazer seguimento e a partir desta criou perspectiva mais ampla de explorar esse assunto em várias vertentes. Na escolha dos informantes não foi tomado em consideração a nacionalidade, etnia, religião e lugar de nascimento

A amostra é composta por 8 mulheres casadas, 8 Homens casados, 2 líderes comunitários (chefes de quarteirão), 1 enfermeiras, 2 mulheres solteiras, 2 mulheres divorciadas, 2 homens divorciados, residentes no Bairro Maxaquene C, Maputo. As participantes foram selecionadas para refletir a diversidade dentro da população-alvo e

fornecer uma visão abrangente das experiências relacionadas à transição de estado civil e à identidade feminina.

Nº	Nome Fictício	Idade	Estado civil	Tempo no Casamento	Nível de escolaridade	Ocupação
1	Julia	20	solteira	-	1 ano de faculdade	estudante
2	filomena	25	solteira	-	12ª calsse	vendedeira
3	Maria	27	Casada lobolo	7 anos	12ª classe	Modista
4	laura	27	Casada lobolo	9 anos	2 ano de faculdade	Estudante
5	Amanda	33	Casada	5 anos	10ª classe	Empregada numa loja
6	patricia	33	casada	6 anos	10ª classe	Vendedeira
7	rosa	34	Casado lobola	7 anos	12ª classe	Vendedeira
8	Edna	34	Casado lobo	6 anos	10ª classe	Vendedeira
9	Laurinda	35	casada	10 anos	12ª classe	vendedeira
10	Paula	35	casada	12 anos	8 a classe	Dona de casa
11	Julho	36	Casada lobolo	5 anos	10ª classe	Empreeendedor
12	Armando	36	Casada lobolo	7anos	12ª classe	Empreendendor
13	Dickson	36	Casado	5 anos	Ensino medio tecnico	Canalizador
14	Ivan	37	casado	6 anos	12ª classe	Dj
15	Arlindo	38	Casada lobo	7 anos	12ª classe	carpinteiro
16	Amady	38	Casado	6 anos	12ª classe	Electrecista

			lobobo			
17	Marcos	42	casado	10 anos	Linceciado em adminitraca publica	Funcionario publico
18	Michael	42	casao	12 anos	12ª classe	Muquerista
19	Belinda	43	Divorciada	11 anos	6ª classe	vendedeira
20	Isaura	45	divorciado	10 anos	6ª classe	vendedeira
21	Enya	45	Uniao de factos	20 anos	Curso de enfermagem	enfermeira
22	alberto	45	divorciado	7 anos	10ª classe	seguranca
23	Ivan	46	divorciado	10 anos	Licenciatura em contabilidade	contabilista
24	Meddy	48	casado	23 anos	12ª classe	Chefe de quarteirao
25	Alfredo	50	casado	26 anos	12ª classe	Chefe de quarteirao

8. Area de Estudo

O bairro de Maxaquene C, localiza-se na periferia da cidade de Maputo, a Norte é limitada pelo bairro de Maxaquene “D”, a Sul pelo bairro de Malhangalene “B”, a Este pelo bairro da Polana Caniço e a Oeste pelo bairro de Maxaquene “B”. O bairro pertence ao Distrito Urbano nº 3 Ka-Maxaquene. De acordo com os dados do INE (2021), o bairro possui 17.007 de habitantes, distribuídos na ordem de 8.349 Homens e 8.658 Mulheres. Em Maxaquene C, os agregados familiares, na sua maioria são compostos por 4 a 9 indivíduos, que vivem numa casa principal de alvenaria tipo 2.

Na mesma casa vivem o chefe de família, que é o pai, a esposa, os filhos, primos ou irmãos do chefe de família ou da respectiva esposa, uma vez que as famílias geralmente obtêm o seu sustento simultaneamente do espaço urbano. Em relação as condições de

habitação, verifica-se alguma melhoria, também na prestação de serviços de infra-estruturas básicas.

No que diz respeito a educação e emprego, verifica-se aumento em taxas de literacia e a frequência escolar aumentou, durante o mesmo período, de 2019 a 2021. As tendências de emprego também têm melhorado com a proporção de população urbana activa a subir.

CAPÍTULO IV

9. Discussão de Dados

9.1 Transição de Estado Civil de solteira para casada

A partir dos dados que analisei percebi que no contexto do bairro Maxaquene C, na cidade de Maputo, o casamento constitui a transição da margem para a agregação. O casamento é visto como momento ou a fase em que o indivíduo experimenta a transição do estado da infância para a fase adulta. Com esta transição o indivíduo forma aliança com um outro grupo social e perde o seu estatuto anterior e ganha um outro. É o período da verdadeira passagem, o mais especial de todo o ritual de passagem para a fase adulta (André, 2014).

“Eu me casei com os 18 anos, logo que me casei até o meu título mudou para senhora. pessoas mais próximas de mim, me tratavam diferente como se eu fosse uma mulher sabia, mais crescida. Até o meu círculo de amigos mudou, porque fui aconselhada a me relacionar com mulheres casadas, mulheres que partilhavam o mesmo estatuto e visão que o meu e que eu pudesse aprender mais com elas”. (Laura de 27 anos de idade)

Vê-se que o casamento muda o olhar das pessoas, como as pessoas te tratam e o que elas esperam de te. A muita expectativa na sociedade em torno os valores e comportamento agregados dos conjugues.

“Quando eu me casei nem mesmo com apenas 20 anos eu era chamada para aconselhamento em alguns relacionamentos. as pessoas me respeitavam muito porque segundo elas eu sai de casa com honra, na porta de frente, e diziam que tenho sempre feito boas escolhas na vida, tenho um bom olho para homem sério”. (Maria 27 anos de idade)

Nota-se através dos dados que essa transição do estado civil não se limita a uma simples alteração no *estatuto* conjugal, mas envolve uma série de expectativas e papéis que refletem normas sociais sobre o que significa ser mulher e homem numa sociedade onde o casamento e a reprodução desempenham papéis centrais

“... Eu me casei na igreja, mas antes de me casar tivemos de fazer estudo bíblico de 3 meses onde a intenção do estudo era de nos ensinar a função do

casamento, como nós os casados devemos nos comportar em casa e perante a sociedade, como devemos resolver problemas conjugais e como o ambiente de casa deve ser. (umas das coisas que aprendemos, é que o homem é a cabeça da família, ele é o provedor e protector ,e o meu dever como esposa e parceira é de o respeitar e ser uma esposa submissa. Fomos ensinados que a mulher é que dita o ambiente de casa, ela é que educa os filhos porque é ela que passa mais tempo com eles e o mais importante a mulher é intercessora da família. Mas uma coisa que padre repisou tantas vezes é que uma união sem Deus não é nada, buscar a manter relação com Deus é muito importante no casamento porque o amor e a compaixão de Deus vai refletir na nossa convivência do dia a dia, como vamos nos tratar e tratar os nossos filhos e como vamos lhe dar ao nos deparar com certos problemas...” (Amanda 33 anos de idade)

Os dados permitem perceber que a igreja é um elemento fundamental para o casamento, principalmente o casamento religioso. A igreja faz ensinamentos bíblicos pré-maritais que visam educar os futuros casados sobre a função do casamento e os papéis que os casados terão que desempenhar em casa e na sociedade ao casarem. A igreja prepara os indivíduos psicologicamente ao que esperar do casamento (Ex: a mulher aprende como cuidar da casa, do marido e dos filhos ela é a intercessora do seu lar, e o homem é o provedor e protetor). No contexto das relações sociais de género, homens e mulheres são preparados para desempenhar papéis sociais diferentes e desiguais sendo que, essa diferença e desigualdade tem sido justificada pelas diferenças biológicas entre ambos. A mulher é preparada para maternidade e para o espaço doméstico e a prática sexual é entendida como voltada para fins de procriação. Quando determinadas mulheres se orientam por um quadro diferente daquele estabelecido pela socialização, elas são rotuladas desviantes e estereotipadas. Assim estes atores procuram adoptar um conjunto de estratégias para manipular e gerir sua imagem já deteriorada perante os demais membros da sociedade (Osório, 2008).

9.2. A Representação social da identidade feminina através da transição de estado civil para casada.

A Representação social da identidade feminina em Maxaquene C está intrinsecamente ligada ao papel de esposa e mãe. O papel de esposa e mãe é visto como um marcador

principal de realização e valor social, resultando na marginalização de outras identidades anteriores.

“eu me casei tendo uma 1 criança que tive na adolescência. logo que me casei, percebi que a minha identidade passou a girar muito em torno do meu papel como esposa e futura mãe, a criança que eu tinha foi literalmente esquecida até parece que não foi nascida por mim. Fui obrigada a deixar o meu filho em casa da minha mãe para que eu me concentrasse mais no meu esposo e fazer o que me trouxe a o lar que é ter os nossos filhos. Toda minha atenção deveria ser para o meu lar, não deveria dividir atenção com outra coisa, pessoa te trabalho para não ser expulso do lar. A sociedade e até mesmo minha família esperavam que eu me concentrasse mais no meu lar e o resto não era prioritário”.
(patricia 33 anos de idade)

A transição para o casamento altera essas representações, resultando em uma reconfiguração da identidade feminina. As normas socioculturais em Maxaquene C moldam fortemente as expectativas de reprodução, com a maternidade sendo uma representação social central para a realização feminina. Essa pressão influencia o comportamento e a percepção das mulheres casadas

Para muitas mulheres em Maxaquene C, ser mãe é um dos principais determinantes de sua aceitação e reconhecimento social. Essa função é vista como um dever social e cultural, consolidando seu lugar dentro da família e da comunidade. A falta de filhos, por outro lado, pode marginalizar essas mulheres e questionar sua feminilidade e identidade social A Representação social da capacidade reprodutiva afeta a aceitação social

A aceitação social está profundamente ligada à conformidade com as expectativas culturais sobre a maternidade. Em nossa cultura, ter filhos é uma das principais expectativas para uma mulher casada.

“Depois de 2 ano de casado, começaram a dizer que meu lar não estava completo, e que criança está a faltar para completar o nosso lar. As pessoas me pressionam para engravidar ou procurar tratamento se eu

não estivesse a conseguir porque corria risco de perder meu marido e, e eu já me sentia pressionada e sentia se não tiver filhos, serei vista como menos realizada. (Maria 27 anos de idade)

No Bairro de Maxaquene a mudança na identidade pessoal é moldada pelas representações sociais que definem a mulher casada principalmente através de seu papel reprodutivo.

9.3 A maternidade como forma de legitimação da união matrimonial.

Em Maxaquene C, a ideia de que uma família "completa" inclui filhos é uma representação coletiva profundamente enraizada. Essa visão molda as expectativas sociais e pressiona casais a conformarem-se a essas normas. “sempre ouviam da família e amigos que ter filhos é um sinal de amor e compromisso.

Até quando se está na fase do namoro, principalmente um namoro que ambas partes foi apresentada na família do parceiro e um namoro que está há anos existe cobranças de filhos.

“Nossas mães sempre diziam: ‘Quando vocês vão nos dar netos?’”, conta Maria. Essa expectativa a fez refletir sobre suas prioridades. Por um lado, a carga de responsabilidade que a gravidez exerce na construção da identidade e autodefinição do gênero feminino – ser mulher capaz de “dar filhos”; e por outro, a dimensão da maturidade desta transição estatutária – de adolescente/jovem passa para uma condição de mulher/mãe/adulta, responsável pela criação e educação dos filhos, concomitantemente, pelos cuidados com a família. Pondja (2017)

Através de algumas narrativas de Mulheres e Homens ilustram como a reprodução serve como uma forma de legitimação da união em Maxaquene C, refletindo tanto as pressões sociais quanto as mudanças nas percepções sobre família.

Um outro exemplo concreto:

“Quando me casei (fiz o lobolo), eu pensei que haveria de engravidar logo. Porque os nossos planos era de logo ter filhos. Mas até agora estou a 5 anos sem conseguir. A minha sogra até sugeriu para que o meu marido se engravidasse fora para poder dar continuidade ao nome da família. Assim estou desesperada, não

sei o que fazer, já fui ao hospital dizem que não tenho nada. Já fiz tratamento tradicional, tomei banho, mas até agora nada. Não sei o que vai acontecer com o meu casamento. até gora, já me deram nomes na família.” (Rosa 34 de idade)

Os indivíduos do bairro de Maxaquene C associam a ideia de ter um filho como um elemento de união, fortificação e autoproteção do matrimônio e por outra para boa convivência na sociedade e aceitação social.

Enquanto alguns casais ainda enfrentam a pressão para ter filhos como a ideia de ter um filho também pode ser associada a uma prova social da virilidade masculina relacionados como sendo “homem de verdade”, outros estão desafiando essas normas, buscando um equilíbrio entre as expectativas sociais e suas próprias aspirações.

“.... quando eu conheci minha mulher ela trabalhava, mas depois do nosso casamento, por causa da agitação dos familiares eu obriguei a minha mulher a deixar de trabalhar porque o trabalho ocupava muito o tempo dela, minha mãe disse que ela não estava a conseguir engravidar por causa do stress do trabalho, mas agora eu já me confirmei com a realidade, aprendi que quem dá filho é Deus. Minha mulher já voltou a procurar emprego”. (Amady 38 anos de idade)

“Alguns dos meus amigos até deram-me nomes e disseram que eu não era homem de verdade. Que eu estava incompleto e ainda não tinha atingido fase dos big boys. Homens completos com responsabilidades. Disseram que eu ainda era jovem, homem mesmo com 60 anos pode fazer filhos, a sugestão deles era d eu fazer filhos fora, porque não haveria outra maneira, mas não sabiam que quem tinha o problema era eu.” (marcos 42 anos de idade)

O constante esforço de provar o que é considerado “homem de verdade” no contexto do bairro de Maxaquene C é influenciado através das fases ao longo da vida do indivíduo relacionando com os valores pré-concebidos da noção de masculinidade nesta comunidade. E não estático requer uma resposta constante parte dos indivíduos dependendo dos seus momentos e fases da vida, se não corre o risco de ser estigmatizado ou até excluído de alguns contextos sociais.

A maternidade como forma de legitimação da união em Maxaquene C é um fenômeno complexo, intrinsecamente ligado às representações sociais que moldam as normas e expectativas da comunidade, mas que também são sujeitas a negociações entre os conjugues eno determinando tempo e espaço. Para Boris (2012) o poder é algo construído socialmente, que as relações de poder entre cônjuges não são estáticas, mas sim subjetivas para cada casal que, por fim, é negociada constantemente entre cônjuges a partir de jogos políticos e conhecimento entre ambos.

9.4. Fatores que contribuem para tensões conjugais e familiares, relacionadas à não conformidade com as expectativas de maternidade no casamento.

A família é o primeiro agente socializador dos indivíduos e a construção do ser sexual de um indivíduo, sua orientação sexual, passa pela interiorização de normas e valores disponíveis no meio social em que está inserido (Osório, 2004). É na família e no contexto da socialização que são feitos os primeiros processos de construção das diferenças sociais de raparigas e rapazes: na família ao rapaz é ensinado brincar com carrinhos, pistolas e principalmente, quando o tempo já é oportuno é transmitida a ideia de que este deve relacionar-se com mulheres. Por sua vez, às raparigas é ensinado brincar com bonecas, panelinhas, usar saias, uma simulação do que pode vir a ser a vida conjugal na qual deve se dedicar a maternidade, a domesticidade e ao marido (Osório, 2004).

Notamos que no contexto de Maxaquene C os familiares tem uma grande influência na vida dos conjugues, eles muita das vezes dita que rumo que o casamento deve seguir. Sempre dão opiniões e sugestões dos familiares de como os conjugues deveria ser, agir e se comportar. Exemplo claro,

“desde a adolescência fui ensinada a ser uma mulher sabia, uma mulher que cuida de se e de casa (uma mulher que sabe cozinhar e cuidar de família como a minha mãe dizia). Uma mulher virtuosa é uma mulher sabia, calma que não se exalta com qualquer problema. Minha mãe começou muito cedo com introdução de como uma mulher deveria se comportar no casamento, qualquer coisa que eu fazia em casa ela relaciona com o meu futuro casamento (ex, se não consegues arrumar seu quarto como e que teu marido vai querer dormir em casa), ela e

minhas tias me ensinavam que o homem era o cabeça da família e a mulher deveria o respeitar e ser submissa. Por isso que quando tive problemas de não conseguir conceber e o meu marido começou andar fora até teve filho fora eu nunca reajo porque percebi eu estava no direito dele como eu não consegui dar ele o que era dele por direito ´´. (Paula 35 anos de idade)

A falta de filhos é um fator direto de tensão entre Laurinda e Arlindo. A pressão social e as expectativas familiares exacerbam os conflitos conjugais.

“Sinto que muitos amigos e colegas me julgam por não ter filhos ainda, até me sugeriram e experimentar engravidar fora...” Há uma expectativa implícita de que um homem casado deve ser pai logo. *“Isso afeta o meu relacionamento com eles, pois muitas vezes sinto que estão a me pressionar ou a me olhar de forma diferente, o que é muito desconfortável.”* (Arlindo 38 anos idade)

A expectativa de ter filhos é uma representação social dominante que define a identidade e o valor de uma mulher ou homem casada. A não conformidade com essa expectativa leva a julgamento e pressão social, resultando em tensões interpessoais

As expressões família, amigos e a sociedade são frequentemente mencionadas nas conversas com os participantes. Este facto fez-me entender a família, amigos e a sociedade pode ser um elemento de persuasão e ou uma chave de inclusão ou de exclusão de indivíduos em determinado espaço e tempo.

Outra questão que as mulheres ainda estão numa forte luta entre ser submissa e correr atrás em busca dos seus sonhos ou trabalho.

Por exemplo, Amanda com 33 anos de idade, é empregada numa loja de venda de loiça na baixa da cidade de Maputo, contou que, após o casamento, seu marido e sogros passaram a exigir que ela abandonasse o emprego para "se concentrar na casa e nos futuros filhos". No entanto, Joana vê seu trabalho como uma forma de garantir independência financeira e de realizar seus objetivos pessoais. Este conflito gerou tensões em seu casamento.

Um outro exemplo concreto:

“Desde adolescente eu fui ensinada a ser uma mulher virtuosa e submissa, minha mãe sempre me dizia que o nosso marido e patrão ele é que manda. Que antes que qualquer coisa deveria o consultar e não deveria fazer nada que o fizesse zangar, que a última decisão sempre era dele. Mas para mim eu acho que qualquer submissão tem que ser com sabedoria, eu a ir trabalhar estou a desenvolver aspecto social e profissional e também ajudando no nosso lar ”
(Edna 34 anos de idade)

Na perspectiva de Mbilinyi (1996:132) a sociedade percebe que à mulher é reservado o papel de submissa e ao homem um papel mais activo. E, geralmente, os contextos de trabalho ou aqueles que evocam situações e dimensões ligadas ao exercício da actividade profissional são, particularmente, facilitadores da expressão da identidade dominante dos homens e identidade dominada das mulheres. “As mulheres são remetidas a uma

condição colectiva, não aceitando a diferenciação ou desvalorizando-se a si próprias e ao seu grupo e os homens, pelo contrário assumem a sua singularidade, tornando-se mais discriminantes em relação as mulheres” (Meenda 1992:93).

Enquanto alguns casais ainda enfrentam a pressão para ter filhos, outros estão desafiando essas normas, buscando um equilíbrio entre as expectativas sociais e suas próprias aspirações. Há um conflito entre as representações sociais e as aspirações pessoais, como a educação e o trabalho. Esse conflito resulta em tensões e desafios para as mulheres que tentam.

9.5. A reafirmação da identidade feminina das mulheres através da capacidade de procriar

Também notei que o papel de reprodução está fortemente ligado questões de gênero. Onde as mulheres são responsabilizadas pela reprodução e os homens são vistos como menos afetados sem problemas reprodutivos na sua maioria. Isso cria desequilíbrio, onde a pressão para ter filhos recai desproporcionalmente sobre as mulheres, impactando sua vida e decisões. Porque a infertilidade sempre é vista com uma lente de estigma.

muitas mulheres que não conseguem engravidar enfrentam pressões sociais significativas, resultando em sentimentos de inadequação e vergonha. A expectativa de

que toda mulher deve dar filho ao seu marido e muito forte, porque um filho nascido dentro de um lar construído e muito esperado e importante.

A mulher sempre que muda de um estado social ou fase de vida a sua identidade sofre as consequências e constantemente deve provar o seu valor e sua feminidade para a sociedade.

CAPÍTULO V

9. Considerações finais

Este estudo tem como principal objetivo compreender como a transição de estado civil de solteira para casada afeta a reafirmação da identidade feminina, através da maternidade no bairro Maxaquene C, Maputo. O estudo revelou descobertas significativas sobre como a passagem pela maternidade impacta na aceitação social das mulheres casadas. foi possível compreender as complexas relações entre normas culturais, expectativas sociais e aspirações pessoais.

O mundo social é composto de características e de estruturas sociais, institucionais ou não, que fundamentam e guiam o comportamento daqueles que fazem parte dele. Para que o indivíduo que nasce nesse meio o compreenda, ele deverá aprender os aspectos culturais vigentes dessa sociedade. Esse processo é chamado de socialização.

Chapman (2010) ilustra a forma como os papéis sexuais são construídos e moldados dentro duma esfera social, referindo-se ao momento em que meninos e meninas estão juntos a brincar, onde geralmente os adultos vão se referir às meninas para parar a brincadeira e irem ajudar nas tarefas domésticas. Deste modo, a autora conclui que: “As in any culture, a gendered and age division of labor is part of play, and parents positively reinforce even the youngest children’s effort at gender role-play”. Os sinais do início da puberdade conduzem a que as meninas devem ser seguidas mais de perto como refere A partir desse momento, espera-se que a jovem mulher assuma cada vez mais as responsabilidades em relação a seu corpo, sua sexualidade, e para com o seu agregado familiar. O aparecimento da primeira menstruação significa a passagem da rapariga à vida adulta e a reafirmação da sua capacidade de poder vir a ser mãe, razão pela qual este período não só é marcado pelos aspetos de aconselhamento sobre os riscos de engravidar, mas, não raro, sobre as medidas de prevenção contra a gravidez indesejada e doenças sexualmente transmissíveis. (Chapman 2010)

“Desde adolescente eu fui ensinada a ser uma mulher virtuosa e submissa, minha mãe sempre me dizia que o nosso marido e patrão ele é que manda. Que antes que qualquer coisa deveria o consultar e não deveria fazer nada que o fizesse zangar, que a última decisão sempre era dele. Mas para mim eu acho que qualquer submissão tem que ser com sabedoria, tendo também um trabalho

desenvolvo socialmente, profissionalmente e economicamente.” (Edna, 34 anos de idades)

As expressões família, amigos e a sociedade são frequentemente mencionadas nas conversas com os participantes. Este facto fez-me entender, que a família, amigos e a sociedade pode ser um elemento de persuasão e ou uma chave de inclusão ou de exclusão de indivíduos nesta situação.

Os dados de pesquisa permitem perceber que a transição de estado civil de solteira para casada, é considerado como umas das passagens para a fase adulta e vem com o cumprimento de responsabilidades básicas socialmente definidas (Ex: ter filhos, ser submissa, saber cuidar da casa, o esposo e ter uma boa relação com a família). E estas responsabilidades que essa transição carrega consigo podem determinar a valorização do indivíduo ou deterioração do indivíduo no contexto em que ele está inserido.

A análise dos dados sugere que a transição de estado civil solteira para casada tem um impacto profundo na identidade feminina das mulheres, especialmente no que diz respeito à maternidade. A capacidade de ter filhos não é apenas um aspecto da vida pessoal, mas uma chave para a aceitação e valorização social. As mulheres casadas em Maxaquene C frequentemente experienciam um reforço de seu estatuto e identidade quando cumprem as expectativas culturais como, ter filhos.

Aliando a perspectiva de Pondja (2017), este fenômeno confirma a importância das representações sociais de sucesso e realização associadas à maternidade, que são profundamente enraizadas na cultura local. Por um lado, a carga de responsabilidade que a gravidez exerce na construção da identidade e autodefinição do género feminino – ser mulher capaz de “dar filhos”; e por outro, a dimensão da maturidade desta transição estatutária – de adolescente/jovem passa para uma condição de mulher/mãe/adulta, responsável pela criação e educação dos filhos, concomitantemente, pelos cuidados com a família.

Os dados mostram que as normas culturais e sociais desempenham um papel crucial na moldagem das expectativas em torno a estatuto de mulher casada. A pesquisa revelou que a maternidade é vista como um indicador primário de sucesso e realização para as mulheres casadas. As mulheres que não conseguem ou optam por não ter filhos enfrentam desafios significativos, incluindo estigmatização e pressão social. Essas normas culturais criam um ambiente onde a conformidade com as expectativas de

reprodução é essencial para a aceitação social e o estatuto dentro da comunidade. Goffman (1980) também estuda a noção do estigma e defende que a sociedade cria um conjunto de categorias e atributos que definem a normalidade e sob os quais os indivíduos devem se comportar e agir. o indivíduo portador de um estigma possui um traço que chama atenção e que o afasta daqueles com quem se encontra, distraindo assim qualquer possível atenção para outros atributos seus.

Em conversas com alguns dos participantes ao longo do período da investigação, ficou evidente que a mulher-mãe goza de um estatuto privilegiado em detrimento das que ainda não vivenciaram a experiência da maternidade, e esse é um fator estruturante nas relações sociais deste bairro de Maxaquene C. A capacidade de ter filhos é vista como uma realização social significativa, e a falta dela pode levar a uma percepção negativa e podem enfrentar a deterioração da sua identidade e sua imagem. A aceitação social é, portanto, fortemente influenciada pela conformidade com essas expectativas reprodutivas. Representações de Valor e Completação: A ausência de filhos é frequentemente associada a uma falta de realização pessoal e social.

As normas culturais no bairro de Maxaquene C reforçam a ideia de que uma mulher é valorizada pela sua capacidade de gerar filhos, o que a coloca sob pressão significativa quando enfrenta dificuldades em ter mais filhos.

Sinto muita pressão, especialmente da minha sogra, que acha que ter muitos filhos é importante para a família. Às vezes, parece que a comunidade me vê como uma mulher que não pode completar sua família. É difícil lidar com esses olhares e comentários."

Em Maxaquene C, a capacidade de não poder procriar é frequentemente vista através de uma lente de estigma. As mulheres casadas frequentemente experienciam um reforço de seu status e identidade quando cumprem as expectativas culturais de ter filhos.

A principal conclusão a que chegamos é que, a falta da capacidade de reproduzir filhos gera conflitos significativos dentro das relações conjugais e familiares, influenciados pelas pressões externas e normas socioculturais. Os dados mostram que a não conformidade com as expectativas reprodutivas pode levar a desentendimentos, críticas e até uma sensação de exclusão, tanto no âmbito familiar quanto na comunidade.

As experiências subjetivas das mulheres de Maxaquene C, relatadas na pesquisa, indicam uma tensão entre as normas socioculturais de gênero e as aspirações individuais das mulheres, como a busca por educação e emprego. Muitas mulheres enfrentam dificuldades para equilibrar essas aspirações com as expectativas culturais em relação reprodução no casamento. Essa tensão reflete uma mudança gradual nas representações sociais e nas expectativas culturais, à medida que mais mulheres buscam redefinir seu papel na sociedade de maneiras que vão além da maternidade.

Em suma, a pesquisa mostra que a capacidade reprodutiva continua a ser uma questão central na aceitação social e reafirmação da identidade das mulheres casadas em Maxaquene C. Os significados, sentidos e representações relacionadas à reprodução moldam profundamente as relações interpessoais e sociais que os indivíduos apresentam. E estes factos sociais não são constantes, mas estão submersos a constantes mudanças dependendo da fase de vida do indivíduo. Por cada fase que o indivíduo passa existe uma cobrança por parte da sociedade.

10. Referência bibliográfica

11. Andrade, Ximena; et al- DAA. 1998. “A mulher e a lei na Africa Austral Investigação e Educação. In: Família em contexto de mudança em Moçambique, Imprensa Universitária, Maputo.
12. ANDRÉ, Horácio (2014). Mães de primeira viagem-gravidez, parto e pós parto como tri de do ritual de passagem para a maternidade inicial entre mulheres na cidade de Maputo- Dissertação de Licenciatura em Antropologia. Universidade Eduardo Mondlane.
13. Bagnol B. e Esmeralda Mariano (2011), G nero, Sexualidade e Práticas Vaginais, Moçambique, DAA, FLCS, UEM.
14. Barbosa, P. Z. & Rocha-Coutinho, M. L. (2009). Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica* (Rio de Janeiro), 19(1),163-185.
15. BEAUVOIR, Simone. O Segundo Sexo. Brasil: Nova fronteira, 2009.
16. Bento Berenice, A reivencao do corpo ; sexualidade e g nero na experiencia transsexual.Rio de Janeiro.Garamound,2006.
17. BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1973.
18. Blumer, Herbert. 1980. "A Natureza do Interacionismo Simbólico". In: Teoria da Comunicação: Textos Básicos. São Paulo: Mosaico, pp. 119-37
19. Bourdieu, P. (1990/1995). A dominação masculina. Educação e Realidade, 20(2), pp. 133-184.
20. Bourdieu, P. (1998). Practical reason on the theory action. Cambridge polity press
21. Chapman, R (2010), Risking Reproduction in Central Mozambique, Nashville, Venderbilt University Press.
22. Castells, M. 1999. —O poder da identidade”. São Paulo: Paz e Terra.
23. CRISTINA, Nivalda (2014). Um estatuto volátil: um estudo sobre definição de uma mulher a partir de alguns pontos das cidades de Maputo e Matola. Dissertação de LicenciaturaUniversidade Eduardo Mondlane
24. Cuche, denys. 2002. A Nocao de Cultura nas Ciencias Sociais. Bauru: EDUSC.
25. Demarque, R.; Ribeiro, H. L.; Cavalsana, J. P.; Valdares, G.; Cantilino, A. & Douglas, M. (1966). Pureza e Perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu. Lisboa: Edições 70.

26. DAVIS, N. Z. 1990. *Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Páez Terra.
27. Durkheim, E. 1987. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
28. DUBAR, Claude. *A Socialização, construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
29. FONSECA, Rosa Maria Godoy Serpa da. *A construção da identidade de mulheres e homens como processo histórico-social*. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185064/mod_resource/content/1/identidade.pdf Acesso em: 21 de ago 2017.
30. FOX, Robin. (1986). "Parentesco e casamento: uma perspectiva antropológica". Lisboa
31. GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC editora, 1989.
32. Gil, António. 2008. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.
33. GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. 6ª Edição. São Paulo: Zahar Editores, 1975.
34. GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.
35. GUERRA O. Obonyo. QUANDO CORPO, GÊNERO E SAÚDE SE ENCONTRAM: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE OS ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS DA INFERTILIDADE FEMININA NO CONTEXTO MOÇAMBICANO
36. Heilborn, Maria; Brandão, Elaine. 1999. "Introdução: Ciências Sociais e Sexualidade", In: Heilborn, Maria Luiza (Org.). *Sexualidade: O Olhar das Ciências Sociais*, Instituto de Medicina Social/UERJ. Rio de Janeiro: Editora Zahar, pp. 7-17
37. Heilborn, M.L. 1998. "Gravidez na adolescência: considerações preliminares sobre as dimensões culturais de um problema social" Vieira, Elizabeth M., Fernandes, M. E. L.; Bailey, P. e McKay, A. (orgs.). *Seminário de Gravidez na Adolescência, Saúde do Adolescente*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, Projecto de Estudos da Mulher\Family Health International\Associação Saúde da Família
38. INE (2021). *Inquérito demográfico e de saúde (DS)*.
39. Junod, H (1917), *A vida de uma Tribu Sul-Africana*, volume 1, Sociedade de Geografia de Lisboa, Minerva de Gaspar Pinto de Souza & Irmãos. Junod, H (1946),

- Usos e Costumes dos Bantos, A vida duma Tribo do Sul-Africana, volume 2, Lourenço Marques, Imprensa Nacional.
40. Langa, A (1990), O Lobolo, Maputo, Cultura e Evangelho, Caderno1.
 41. LEGOFF, J. 1992. "A Recusado Prazer". In: Amore sexualidade no ocidente. (trad. Anna Maria Capovila, Horácio Goularte Suely Bastos). Porto Alegre: L& PM. Tradução Revue L'Histoire/Seuil. P. 150-151
 42. LOFORTE, Ana Maria. Género e poder: entre os Tsonga de Moçambique, volume 3 de colocação identidades, editora promedia, 2000, p277.
 43. LOFORTE, A. Maria 2003. *Práticas Culturais em Relação à Sexualidade e Representações sobre Saúde e Doença*. CEP.
 44. LOFORTE, A. Maria 2007. Noções de sexualidade: respondendo às necessidades dos jovens em matéria de saúde sexual e reprodutiva, publicado em "Outras Vozes", nº 19.
 45. Marconi, Marina; Lakatos, Eva. 2003. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo: Atlas
 46. Mariano, E. & Paulo, M. (2009). Infertilidade, fertilidade: Áreas Escondidas do Nosso Quotidiano. Maputo: Kula Estudos de Pesquisas Aplicadas Lda.
 47. MBILINYI, D. and OMAR, C. (1996). "Gender relations and women's image in the media", Dar-Es-Salaam, Dar-Es-Salaam University Press.
 48. MEENDA, Ruth. (1992). "Gender in Southern Africa: conceptual and theoretical issues",
 49. Harare, Sapes Books
 50. MEAD, George H. Espírito, Persona y sociedad. (Mind, Self. And Society). México: Paydós, 1993.
 51. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). (2010), Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
 52. NHATAVE, I. Saúde Materna em Moçambique, N'weti, 2006.
 53. Oliveira carlos ramos (1976) Os tauras do vale do Zambeze, Lisboa, junta de investigação científica do ultramar.
 54. OSÓRIO, Maria da Conceição. Mulher e Poder. Maputo: UEM/UFICS - Relatório de investigação, 2004.
 55. Pondja, Clélia (2006), O Lobolo em Moçambique: Transformações das práticas do casamento, Monografia de Licenciatura em Ciências Sociais e Humanas, Recife, UFPE

56. Pondja, Clélia (2017), A MULHER EM MAPUTO: DIMENSÕES ANTROPOLÓGICAS DE GÉNERO E REPRODUÇÃO, Monografia de doutoramento em antropologia, ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa
57. SANTOS, Hélia. A Responsabilidade Social e Educativa dos Mass Media. 2005. 25 p
58. SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.
59. SILVA, Teresa Cruz e. et. all. Representações e práticas da sexualidade dos jovens e a feminização do SIDA em Moçambique. Maputo: WLSA Moçambique, 2007
60. Trindade, Z. A. & Enumo, S. R. F. (2002). Triste e Incompleta: Uma Visão Feminina da Mulher Infértil. *Psicologia USP* (São Paulo), 13(2),151-182
61. TVEDTEN, Inge, PAULO, Margarida e TUOMINEN, Minna. (2009) “Se homens e mulheres fossem iguais, todos nós seríamos simplesmente pessoas” - Género e Pobreza no Norte de Moçambique. Relatório CMI 2009:14. Bergen, Noruega: Chr. Michelsen Institute.
62. WEEKS, Jeffrey. “O corpo e a sexualidade” In LOURO, G. L. (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Autêntica, 199, pp. 35-82.